

JOÃO CARLOS DE VILAGRAN CABRITA

PATRONO DA ARMA DE ENGENHARIA

Major **DARINO CASTRO REBELO**
Oficial de Estado-Maior

1. PRIMEIROS ANOS

O Major Francisco de Paula Avelar Cabrita segue para o Sul com a Divisão de Voluntários Reais, sob o comando do Tenente-Coronel Carlos



Frederico Lecór, para intervir na Banda Oriental do Rio da Prata, em nome da Côrte portugueza, instalada no Rio de Janeiro desde 1808, após ser expulsa de Portugal pelas fôrças de Napoleão. A 20 de janeiro de 1817, Lecór ocupa Montevidéu. A Banda Oriental é então anexada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves com a denominação de Província Cisplatina. Frederico Lecór, depois Visconde de Laguna, é nomeado seu governador. Conta-se que, desde o início, imprimiu na administração um cunho humanitário e conciliatório, procurando a integração entre as tropas de ocupação e a população

civil, chegando ao ponto de estimular o casamento de seus oficiais com môças da sociedade local. Terminou por dar o exemplo casando-se com uma senhorita de 18 anos, D. Rosa Maria Josefa Bassavilhase. O autor Pivet Devoto, em "El Congresso Cisplatino", diz que Lecór "conquistó a la sociedad de Montevidéu con fiestas y saraos; casó a sus oficiales con hijas del país, haciendo el lo propio". Foi assim, nesse ambiente favorável e de congraçamento com os orientais, que o Major Avelar Cabrita conheceu D. Apolônia de Vilagran, com a qual casaria logo depois e de cuja união nasceu em Montevidéu, a 30 de dezembro de 1820, João Carlos de Vilagran Cabrita. Até os futuros Duque de Caxias e Patrono do Exército Brasileiro, o então Major Luiz Alves de Lima e Silva, que servia sob as ordens de Lecór em Montevidéu, enamorou-se de D. Ângela, filha

de M. Miguel e a Marquesa de Montes Claros, em cuja casa "os brasileiros eram acolhidos com especial carinho", como nos revela Gustavo Barroso em "Segredos e Revelações da História do Brasil".

Os acontecimentos históricos sucedem-se com a maior intensidade e importância. Em 7 de setembro de 1822, D. Pedro I proclama a Independência do Brasil, rompendo os laços políticos que nos unia a Portugal. Assumimos, daí por diante, a responsabilidade da herança deixada pela política portuguesa no Prata.

A 19 de abril de 1825, um grupo de 33 homens, "los treinta y tres orientales" como são conhecidos, embora fôsem 18 orientais, 11 argentinos, 1 africano, 1 francês, 1 paraguaio e 1 brasileiro, sob o comando do Coronel Juan Antonio Lavalleja, procedentes de Buenos Aires, desembarca na Praia de Agraciada. O objetivo do grupo é invadir a Província Cisplatina para proclamar-lhe a independência. Esta virá após a Campanha de Ituzaingó ou Batalha do Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827, pela Convenção de Paz de 1828. Desta maneira, o torrão de nascimento de Vilagran Cabrita mudava de Bandeira.

Mercedes, pequena localidade situada na margem esquerda do rio Negro, afluente do rio Uruguai, permitia fácil ligação com a esquadilha que dominava o rio e facilitava a utilização do Rincão das Galinhas, para refazer a cavallada. Foi aí que a 22 de agosto de 1825, já agora Tenente-Coronel, Francisco de Paula Avelar Cabrita, comandante da força, sofreu um ataque violento desfechado por Frutuoso Rivera, resistindo com denôdo, terminando por repelir o inimigo, após algumas horas de fogo cerrado. Este era o homem temperado nas lutas sangrentas, repassadas de cenas de heroísmo e valentia, que transmitiu o brio militar de forma atávica ao filho, que haveria de consagrar-lhe o nome nas bonitas páginas da nossa história.

2. DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA MILITAR

Para seguir a carreira profissional do pai, Vilagran Cabrita assentou praça como soldado voluntário, jurando Bandeira a 13 de janeiro de 1840, ano em que os liberais conseguem fazer passar no Congresso, no período regencial, a declaração da maioridade do jovem D. Pedro de Alcântara, aos quinze anos de idade. É reconhecido Cadete de 1ª Classe a 5 de fevereiro do mesmo ano, beneficiando-se da prerrogativa de ser filho de oficial. É promovido a Alferes-Aluno a 2 de dezembro de 1842, ficando adido à 1ª Companhia do 1º Batalhão de Artilharia a Pé de 1ª Linha, com sede no Rio de Janeiro. Sua promoção a 2º Tenente vem a 11 de setembro de 1843, sendo classificado na 1ª Companhia do mesmo Batalhão. A 23 de julho de 1844 é promovido a 1º Tenente, quando é transferido para o 2º Batalhão de Artilharia a Pé. Com seu Batalhão embarca para Pernambuco, em 22 de outubro de 1845. Regressa à Côte a 19 de fevereiro de 1846 para concluir estudos. Recebe o grau de Bacharel em

Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar do Rio de Janeiro, em 16 de janeiro de 1847, por haver concluído todos os Cursos da Escola Militar, conforme Decreto de 1845. Regressa a Pernambuco em maio do mesmo ano, por haver finalizado seus estudos na Côrte. Por Decreto de 7 de setembro de 1847 é transferido para a 1ª Cia do Corpo de Artífices, integrante do Corpo de Artilharia da Côrte. Por Decreto de 27 de agosto de 1849 é transferido para a 3ª Cia do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, na Côrte.

Com a morte do Dr. Gaspar Rodrigues de Francia, em 1840 assumiu o governo do Paraguai uma Junta Governativa. Carlos Lopes fêz parte da Junta em 1841. Em 1844 torna-se Presidente daquela Nação amiga. Ao assumir o poder como único dirigente, cuidou Carlos Lopes de tornar mais fortes e equipadas suas Fôrças Armadas. Com êste objetivo conseguiu após o pacto de aliança firmado entre o Brasil e o Paraguai contra Rosas, a 25 de dezembro de 1850, por vias diplomáticas, que uma comissão de oficiais brasileiros do Exército e Marinha, bem como engenheiros e técnicos da Europa, dirigisse os trabalhos de fortificação e o estabelecimento de indústrias ligadas ao preparo bélico do país. Dois foram os oficiais do Exército que seguiram para o Paraguai como instrutores militares: o primeiro era o então Cap de Artilharia, Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, que se haveria de cobrir de glórias em dezembro de 1864, com a heróica resistência oferecida ao ataque desferido pelos paraguaios pertencentes à coluna comandada por Barrios, ao Forte de Coimbra; e o segundo era o 1º Ten de Artilharia, João Carlos de Vilagran Cabrita, entusiasmado por haver sido escolhido pela missão que se afigurava de grande valor para a melhor compreensão e amizade entre os dois povos. Com a morte de Carlos Lopes assume o governo, em outubro de 1862, seu filho, D. Francisco Solano Lopes, com 35 anos de idade, que iria levar o país à guerra, cêrca de dois anos mais tarde, pela ambição desmedida e evidentes instintos ditatoriais.

Ao regressar do Paraguai, por Decreto de 30 de abril de 1852, teve Vilagran Cabrita sua promoção a Capitão, ocasião em que é classificado na 5ª Cia do 4º Batalhão de Artilharia a Pé. Pelo Aviso de 10 de maio de 1853 passou a prestar serviços no Arsenal de Guerra da Côrte.

Pelo Decreto n. 1.536, de 23 de janeiro de 1855, é criado o Batalhão de Engenheiros, primeira unidade da Arma de Engenharia do nosso Exército, o qual, pelo Decreto n. 10.015, de 18 de agosto de 1888 é denominado de 1º Batalhão de Engenharia; depois, pelo Aviso n. 99, de 18 de fevereiro de 1935, é chamado de 1º Batalhão de Transmissões. Hoje está com a denominação anterior de 1º Batalhão de Engenharia, em seu aquartelamento próprio em Santa Cruz, no Estado da Guanabara.

O efetivo do Batalhão de Engenheiros foi obtido mediante o recebimento de oficiais de tôdas as Armas, devidamente selecionados, particularmente da Arma de Artilharia e do Corpo de Engenheiros. Seu primeiro Cmt foi o major de Artilharia Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, já referido acima.

Naquele mesmo ano de 1855 é criada a Escola de Aplicação do Exército para absorver os 5º e 6º Anos da Escola Militar, que ficou assim com seus cursos reduzidos. Sua sede foi localizada na mesma do Batalhão de Engenheiros, na Fortaleza de São João, sendo instalada em abril de 1855. No ano seguinte o Batalhão de Engenharia foi transferido para aquartelamento da Praia Vermelha, espécie de Vila Militar daquela época, quando servia no Batalhão o então 1º Ten Manoel Deodoro da Fonseca, o insigne alagoano, futuro Marechal do Exército e proclamador da República.

Em Decreto de março de 1855, Vilagran Cabrita é nomeado instrutor de 1ª Classe da Escola de Aplicação do Exército. Pelo Aviso de 23 de outubro de 1855 passou a exercer as funções de Fiscal do Batalhão de Engenheiros, continuando no exercício de instrutor de 1ª Classe da Escola de Aplicação do Exército. Por várias vezes iria exercer o Comando do Batalhão, embora que interinamente.

De acôrdo com o Decreto de 16 de abril de 1861, publicado na Ordem do Dia n. 324, de 16 de agosto de 1862, Vilagran Cabrita é agraciado pelo Imperador com a honrosa condecoração de Cavaleiro das Ordens de Cristo e de São Bento de Aviz. É promovido a major, por merecimento, em Decreto de 2 de dezembro de 1862, ano em que assumiu o governo do Paraguai, Francisco Solano Lopes, como já fizemos referência acima.

3. ACONTECIMENTOS DURANTE A GUERRA DO PARAGUAI

Em dezembro de 1864, segue para o Sul o primeiro contingente do Batalhão de Engenheiros com destino a Frei Bento, determinado pelos acontecimentos no Uruguai, de agosto daquele ano, quando o Presidente Aguirre, na esperança do apoio de Solano Lopes, desatende às ponderadas reclamações do nosso plenipotenciário, Conselheiro Saraiva.

Pela Ordem do Dia n. 449, de 1 de junho de 1865, o Batalhão de Engenheiros é reorganizado para incorporar-se, totalmente, ao Exército em operações no Prata, motivadas pela agressão paraguaia, aprisionando nosso navio Marquês de Olinda, que levava em seu bordo o nôvo Governador da longínqua Província de Mato Grosso, o Coronel Carneiro de Campos. Tal reorganização ficou a cargo do Ten-Cel do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe, Francisco Gomes de Freitas, como Comandante, e do Major Vilagran Cabrita, no exercício das funções de Fiscal. Para a 1ª Cia foi designado o Cap do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe Agostinho Marques Sá; para a 2ª Cia, o Cap do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, Brasília de Amorim Bezerra Sá, que assumiria o Comando do Batalhão logo após a morte de Vilagran Cabrita e o transmitiria ao Major Conrado Maria da Silva Bittencourt, três dias depois; para a 3ª Cia, o Cap do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, Conrado Maria da Silva Bittencourt, que assumiu o Comando do Batalhão com pulso firme, conduzindo-o galhardamente às jornadas gloriosas de Passo da Pátria, Estero

Belaco, Tuiuti, Passo Pocu, Curupaiti, Humaitá, Chaco, Angustura, Piquiciri, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Sapucaí e Peribebui; para a 4ª Cia, foi designado o Cap do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, Luiz Henrique de Oliveira. Nessa oportunidade também acolhe em suas fileiras que já contava com tão seletos oficiais, o não menos valoroso, então 1º Ten Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza, futuro sogro do Cel Antonio Ernesto Gomes Carneiro — o herói do cerco da Lapa — que haveria de fazer tóda a Campanha do Paraguai como lídimo representante do Ceará, enquanto outro ilustre e bravo cearense, o Brigadeiro Antonio de Sampaio, “o bravo entre os mais bravos”, mais tarde escolhido com justiça, Patrono da “Rainha das Armas”, a Infantaria, morreria quarenta e três dias após os três ferimentos recebidos na Batalha de Tuiuti. O número de subunidades do Batalhão seria acrescido de mais duas, em ato de 1 de julho de 1867, em Tuiuti, do Comandante-Chefe das Fôrças em Operações, Marquês de Caxias, sendo uma Cia de Pontoneiros e outra de Artífices.

A 11 de junho de 1865 trava-se a grande Batalha Naval do Riachuelo, onde a esquadra de Lopes foi batida fragorosamente e seus sonhos imperialistas começaram a ruir. Abriu-se a via de acesso natural pelo rio Paraná que Lopes pretendeu barrar, a qual permitiu atingir o território guarani com maior facilidade. Daí por diante a Marinha Brasileira iria desempenhar um papel preponderante no curso das ações militares, com o pesado encargo de manter o fluxo de suprimentos vindos do Sul, condicionando as operações mais importantes às vias dos rios Paraná e Paraguai e barrando as pretensões de Lopes ao sul do paralelo Passo da Pátria — Itapua.

Após a rendição das fôrças paraguaias sob o comando do Cel Antonio Estigarribia, na cidade de Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865, na presença do Imperador D. Pedro II, dos generais Bartolomeu Mitre, Presidente da República Argentina, Venâncio Flores, Governador provisório da República Oriental, Caxias e Conde d'Eu, a junta dos generais aliados, sob a presidência do General Mitre, estabeleceu um plano de operações para levar a guerra ao solo paraguaio, com base na concentração prévia dos exércitos aliados na região de Corrientes.

Vencendo as maiores dificuldades para palmilhar o terreno entrecortado de pequenos cursos d'água, sem contar para isso com pessoal treinado em pontagem e nem dispor de pontes de equipagem, o Batalhão de Engenheiros, sob o comando interino do Major Vilagran Cabrita, a 3 de janeiro de 1866, acampa na região da Lagoa Brava, cêrca de seis quilômetros a este da cidade de Corrientes. A 10 de janeiro prossegue seu deslocamento em direção a Tata-Corá, onde será instalado o Quartel-General do Exército Brasileiro, sob o comando do General Manoel Luiz Osório, o insigne herói da Batalha de Tuiuti, futuro Marquês do Herval e Patrono da Arma de Cavalaria.

De acôrdo com o Decreto de 22 de janeiro de 1866, Vilagran Cabrita é promovido por merecimento a Tenente-Coronel, numa lista composta

dos nomes mais ilustres do Exército como: Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, promovido a Marechal-de-Campo, iria substituir Osório no Campo das Fôrças Brasileiras em virtude de doença, após a Batalha de Tuiuti e mais tarde seria Visconde de Santa Tereza; Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, promovido a Brigadeiro, baiano de nascimento, seria, mais tarde, Marechal e Visconde de Itaparica; Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, promovido a Coronel, herói do Forte de Coimbra; Hilário Maximiano Antunes Gurdão, natural de Belém (Pará), morreria em consequência de ferimentos recebidos em Itororó, no início da "Dezembrada", em hospital de Humaitá e Emilio Luiz Mallet, futuro Barão de Itapevi, Tenente-General do Exército e Patrono da Arma de Artilharia, ambos promovidos a Tenente-Coronel; Benjamin Constant Botelho de Magalhães, promovido a Capitão do Estado-Maior de 1ª Classe, seria o grande artífice da proclamação da República; e a 1º Tenente, João Nepomuceno de Medeiros Mallet, filho de Emilio Luiz Mallet, futuro General e Ministro da Guerra, que iria realizar profundas renovações nas instituições militares do Exército, inclusive a criação do Estado-Maior do Exército nos moldes do da Prússia, após a Guerra de 1870, contra a França.

Concluída a concentração dos exércitos aliados na região de Corrientes, a fase seguinte das operações para atacar as fôrças de Lopes, em seu próprio território, seria a transposição do rio Paraná. Para isso impunha-se a realização de minuciosos reconhecimentos a fim de ser feita a seleção dos locais de passagem mais favoráveis, envolvendo detalhes técnicos relacionados com as características do rio propriamente dito, da natureza das suas margens, da rede rodoviária, bem como dos meios disponíveis e da presença do inimigo. Todo êste trabalho é realizado, com o maior cuidado, com o maior detalhe, pelo Corpo de Engenheiros, sob a direção do Ten-Cel Carlos de Carvalho e pelo Batalhão de Engenheiros, coadjuvados por elementos de Esquadra de Tamandaré. Os Generais Mitre e Osório optavam pela transposição do rio na região de Itati, ponto intermediário entre o Passo da Pátria e Itapua, portanto bem para este de Três Bôcas. Já o Almirante Tamandaré e o General Flores desejavam que a transposição fôsse executada na região do Passo da Pátria, onde a esquadra poderia dar o maior apoio. Por Itati a operação seria apoiada pelo Corpo de Exército sob o comando do Tenente-General, Barão de Pôrto Alegre, que se encontrava organizado em São Borja; a fim de ameaçar Itapua, em condições de transpor o rio Paraná e ameaçar Assunção pela estrada Itapua — Vila Rica, desbordando Humaitá e cortando a Lopes os recursos do Norte, obrigando-o dêste modo a abandonar a defesa de Humaitá. A base de operações seria Corrientes. A esquadra bloquearia os rios Paraná e Paraguai, quando os encouraçados forçariam a passagem das fortalezas, pressionadas ao norte pelo exército. Já por Três Bôcas, as fôrças aliadas receberiam o máximo apoio da esquadra em todo o desenrolar da operação de transposição. Divididas as opiniões como estavam, os chefes aliados não chegaram a um acôrdo

imediate sôbre o local mais indicado para a invasão. O ponto de passagem, realmente escolhido, seria um pouco ao norte da região de Três Bôcas, já no rio Paraguai, mais condizente com as opiniões de Tamandaré e Flores, visando explorar com maior ênfase o fator surpresa, justamente na região onde o inimigo menos esperava, tal como no desembarque da Normandia a 6 de junho de 1944, contrariando as previsões alemães que julgavam mais possível o desembarque aliado na região do Passo de Calais.

O Alto Comando Aliado até o dia 3 de abril não havia chegado a uma conclusão sôbre o ponto exato da transposição, o que prova a extrema delicadeza e importância de tal operação, agravada pelos precários meios de engenharia disponíveis, fazendo retardar a invasão do território inimigo, com perda de tempo, desgastes físicos e de recursos os mais variados. Não dispúnhamos de meios contínuos de transposição (pontes de equipagem e passareiras) e os meios descontínuos (botes e pontões) eram precários e insuficientes para a transposição de um rio como o Paraná, com cêrca de 2,5 quilômetros de largura, embora na Guerra de Secessão americana (1860-1865) já houvessem sido empregadas equipagens de ponte com suportes feitos de lona. Finalmente é tomada uma decisão preliminar, vinculada com a ocupação da Ilha situada em frente ao Forte Itapiru, denominada pelos paraguaios de Purutuê e Itapiru, e por nós, de Redenção, como lembrança à primeira vitória das forças brasileiras sob o comando de Osório, depois mudada para Vilagran Cabrita, como justa homenagem ao seu heróico defensor. Hoje está totalmente desaparecida, por haver sido tragada pelo turbulento rio Paraná, no ingente esforço de equilibrar seu perfil irregular. Situava-se entre o Passo da Pátria e Três Bôcas, aproximadamente um quilômetro daquele Forte. Era de forma ovalada, com a maior dimensão disposta ao longo do rio. Seu solo era completamente arenoso, facilitando o enchimento de sacos de areia para proteção. Possuía alguma vegetação, o que propiciava cobertura contra a observação inimiga. Nas grandes cheias ficava submergida. Poderia ser atingida por um tiro de carabina partido do Forte de Itapiru. Era território paraguaio por situar-se mais próximo do território do inimigo do que do argentino, passando o talvegue do rio entre a ilha e a margem correntina.

Os reconhecimentos da Ilha foram realizados de 29 a 30 de março pelo Ten-Cel José Carlos de Carvalho, vários engenheiros e 80 praças. A operação de desembarque foi executada na noite de 5 para 6 de abril, nela tomando parte cêrca de 900 homens, comandados pelo Ten-Cel Vilagran Cabrita. Constituíam essa fôrça: 100 praças do Batalhão de Engenheiros, sob o comando do Cap Amorim Bezerra; o 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, organizado em São Paulo, sob o comando do Ten-Cel Pinto Paca; o 14º Provisório de Infantaria de linha, sob o comando do Major Martins; 4 peças de artilharia La Hitte, calibre 12 cm; 4 morteiros de 22 cm, sob o comando do Cap Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, o bravo cearense; e uma bateria de foguetes incendiários. As

fortificações foram levantadas imediatamente, tendo em vista as possibilidades de seus ocupantes serem atingidos com facilidade do Forte Itapiru. Durante toda a noite os 900 homens se entregaram desesperadamente aos trabalhos de organização do terreno, orientados por Vilagran Cabrita, de tal sorte que ao raiar o dia 6, uma forte linha de trincheiras havia sido levantada com sacos de areia, guarnecida por oito bôcas de fogo, consolidando a ocupação do primeiro pedaço de solo paraguaio, com a montagem de uma posição defensiva bem organizada. Com surpresa o inimigo do Forte Itapiru deparou a bandeira brasileira drapejando no topo de um mastro, pelo sopro da brisa matinal. É fácil imaginar a reação causada no espírito de Solano Lopes por tão inesperado acontecimento, que lhe indicava o momento próximo da invasão do seu território, por uma região de passagem de que ele não suspeitara mas de que poderia tirar conclusões, cujo testemunho era a bandeira verde e amarela com a coroa do Império do Brasil, que se agitava triunfante, já em solo paraguaio. Assalta-lhe à mente o pensamento condizente com seu temperamento: desalojar o invasor o mais rapidamente possível e com toda a fúria possível explorar o fator surpresa em toda sua dimensão, para maior segurança do êxito.

O duelo de artilharia manteve-se incessante nos dias 6, 7, 8 e 9. Lopes ordenou a instalação de mais duas peças de 68 no Forte de Itapiru e duas baterias de artilharia de campanha, na margem do rio. Tamandaré mandou navios da esquadra auxiliar a defesa da Ilha. O General Mitre, que pelo artigo 3º do Tratado da Tríplice Aliança, celebrado a 1 de maio de 1865 entre o Império do Brasil, a República Argentina e a República Oriental do Uruguai, era o comandante-chefe dos exércitos aliados, em virtude das operações ainda se estarem realizando no "território da República Argentina ou na parte do território paraguaio que é limítrofe com aquêle", determinou que todas as tropas se concentrassem no Passo da Pátria e aí ficassem em condições de embarcar à primeira ordem.

Solano Lopes, o Ten-Cel Diaz e Mme Lynch, companheira do ditador, que a trouxera de Paris, planejaram a operação para expulsar os brasileiros da Ilha. Com esta finalidade selecionaram 1.200 homens entre as melhores praças, dividindo-os em três vagas de assalto, com 400 homens cada um. O comando da primeira vaga caberia ao Ten Leonardo Riveros; o da segunda, ao Ten Mateo Romero; e o da terceira, ao Alferes Matias Margas. Como se pode deduzir facilmente, a tropa escolhida era composta na sua totalidade por elementos jovens, entusiasmados até ao fanatismo e estimulados diretamente pelo ditador e sua companheira. Na verdade, a operação que os paraguaios se propunham a realizar, exigia um planejamento metódico, reunião de meios necessários e preparação psicológica, tal como hoje são submetidas as tropas especiais, para ações semelhantes.

Cêrca das 04,00 horas do dia 10 de abril a 1ª vaga aproxima-se da Ilha, em mais de trinta canoas, em absoluto silêncio. As sentinelas, sen-

tindo a chegada do inimigo, dão o alarma. A luta se desencadeia pelo fogo e pelo corpo a corpo. A força invasora aproxima-se das trincheiras. Ameaça com maior perigo as da esquerda. Alcança o fôssco e tenta transpor o parapeito do entrincheiramento. Chega a 2ª vaga com reforços, imprimindo maior ímpeto ao desembarque anfíbio. As horas passam naquela luta sangrenta. Verificando as partes mais fracas de sua posição defensiva, Vilagran Cabrita revela a presença do chefe, decidindo mandar o valente Cap Tiburcio defender o espaço aberto da extrema esquerda, ao mesmo tempo que confia o centro ao bravo Ten Emiliano de Carval e se dirige para a direita, onde se batia com denôdo o 7º Batalhão de Voluntários e o 14º Provisório de Infantaria. A 3ª vaga de desembarque chegou mais tarde. Não consegue desembarcar todos seus componentes, pois a canhoneira Henrique Martins que fazia parte da vanguarda da esquadra, comandada pelo Ten Jeronimo Francisco Gonçalves, vendo a Ilha atacada, procurou informar o comandante da vanguarda, do ataque que estavam realizando os guaranis. Em seguida tocou a todo vapor para interceptar as canoas. Foi seguida da canhoneira Greenhalgh, comandada pelo Ten Marques Guimarães e pela Chuí, sob o comando do Ten Neto de Mendonça. Muitas canoas foram postas a pique. Os canhões paraguaios atiram sem cessar sôbre as canhoneiras e a Ilha e estas se defendem como podem. É um duelo titânico! Sem poder desembarcar mais combatentes pela ação decisiva das três canhoneiras, embora o Ten-Cel Diaz estivesse pronto na margem paraguaia com uma reserva superior a 2.000 homens, a força remanescente na Ilha, se rende. Eram aproximadamente 0700 horas, quando a luta terminou. Vilagran Cabrita no seu batismo de fogo havia se revelado um chefe valente, sereno, inteligente e combativo.

Pinheiro Guimarães, em "Um Voluntário da Pátria", informa que "aos primeiros tiros disparados na Ilha acordaram os exércitos aliados. Pouco a pouco a margem esquerda do rio ficou coberta de espectadores. Um batalhão de infantaria dormia tôdas as noites na margem do Paraná para ser transportado à Ilha, caso a guarnição carecesse de socorro; nessa noite coubera ao 12º êsse serviço". Segundo o mesmo autor, o batalhão não pôde socorrer a guarnição da Ilha por falta de remos nas canoas, destinadas ao transporte do mesmo.

Ao término do combate, Vilagran Cabrita procurou fazer um balanço das perdas, constatando: 640 cadáveres e 62 prisioneiros paraguaios; 52 mortos e 102 feridos da briosa guarnição da Ilha. Em seguida recolheu-se a uma chata que se encontrava fundeada no sul da Ilha com o fim de escrever sua parte de combate e comer alguma coisa. Estavam com êle: o Cap Sampaio, seu amigo, que de terra lhe fôra felicitar por sua brilhante atuação; o Ten Francisco Antonio Carneiro da Cunha e o Álferes Carlos Luiz Woolf, ambos do Batalhão de Engenheiros. Ainda é Pinheiro Guimarães quem nos conta na obra citada: "Os paraguaios, enfurecidos pela derrota, bombardearam a Ilha com fúria desusada. O rio havia enchido, a chata que se elevava com as águas mais exposta

fica. Uma bomba lançada de Itapiru, é dirigida pela mão certa da fatalidade, arreventou entre Carneiro da Cunha, Sampaio, Woolf e Cabrita que, como Nelson, sucumbe gloriosamente, findo o combate, na hora do triunfo, batizando com o seu sangue o desconhecido banco por seu valor ilustrado. Carneiro da Cunha e Woolf são gravemente feridos; Sampaio cai redondamente morto.”

O Gen Tasso Fragoso, em sua monumental História da Guerra entre a Tríplíce Aliança e o Paraguai, faz referência a uma curiosidade de que o tiro que abateu Vilagran Cabrita foi apontado por um seu discípulo quando de sua permanência no Paraguai, por volta de 1851, como instrutor de artilharia, de nome Bruguez. A funesta ocorrência verificou-se às 1300 horas aproximadamente, de 10 de abril de 1866. A vitória foi mesclada de amargor, pela perda tão preciosa. Cabrita pagou com a vida o seu destemor. Colocado como uma ponta de lança sobre o território inimigo, indicava a iminente invasão de seu território. Morreu aos 45 anos de idade, na linha de frente, porque “a vanguarda é o lugar dos heróis”.

4. O RECONHECIMENTO DA PÁTRIA

A guerra prosseguiu por quase quatro anos mais, enchendo de glórias nossa História com outros feitos heróicos, mas a ação de Vilagran Cabrita na pequena ilha do rio Paraná foi a pedra de toque que revelou a tempera de um povo valoroso que, por contingência diversas, enfrentava outro povo de igual valor, irmão sul-americano. Ao indômito Batalhão de Engenheiros que não gozava da prerrogativa de possuir e usar a Bandeira Nacional, pelo Decreto n. 3.644, de 1 de maio de 1866 foi dado êste direito em consequência de seus feitos e serviços na guerra contra o Paraguai, “enquanto subsistir um oficial ou praça de pré que tiver tomado parte nos seus trabalhos na atual campanha”.

Conforme o Decreto-lei n. 2.553, de 4 de abril de 1938, o 1º Batalhão de Transmissão que tomou esta denominação em virtude do Aviso n. 99, de 18 de fevereiro de 1935, pois antes se chamava 1º Batalhão de Engenharia, passou a chamar-se “Batalhão Vilagran Cabrita”, “continuando a vida da denodada e gloriosa unidade e usando tôdas as suas insígnias, como se nenhuma solução de continuidade houvesse na existência do Batalhão que permitiu ao legendário Duque de Caxias a famosa Travessia através do Chaco”.

O Decreto n. 57.429, de 13 de março de 1962, homologou a escolha já consagrada dos Patronos do Exército e das Armas, onde encontramos o da Arma de Engenharia, o Ten-Cel João Carlos de Vilagran Cabrita, e estabeleceu como data de comemoração das Armas o dia de nascimento de cada Patrono. O dia 30 de dezembro não é favorável a comemorações cívicas por óbvias razões. Seria mais conveniente que fôsse escolhida outra data. Sugerimos o dia 10 de abril, por ter sido para Vilagran Cabrita um dia de consagração do seu valor profissional e da

vitória que o fêz entrar pela porta do sacrifício da vida nas páginas imorredouras da História Pátria.

Convém lembrar que no próximo dia 10 de abril completará 100 anos que Vilagran Cabrita sucumbiu na Ilha de Redenção. Seria conveniente que no centenário de sua morte reverenciássemos com o maior brilhantismo a memória do soldado e de patriota tão ilustre, cuja morte prematura interrompeu o curso de uma vida que se afigurava extremamente brilhante. À arma de Engenharia que êle tanto enalteceu no campo da luta cabe o dever de homenagear seu ilustre Patrono e exemplar soldado brasileiro com especial destaque, organizando para isso um programa de festividades cívicas bem à altura dos méritos de João Carlos de Vilagran Cabrita.



A DEFESA NACIONAL é a sua Revista
de estudos e debates profissionais. É a sua
tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORA-
ÇÕES!